

# Chuvas de verão: uma reflexão em torno do erotismo\*

Sonia Curvo de Azambuja\*\*

Tendo sido convidada a falar sobre a velhice, pude focar o tema do erotismo.

Em oposição a esse universal da morte, cujo limite, entretanto, é difícil de conceber, é necessário colocar outro princípio: a pulsão de vida ou Eros, que pode permanecer na velhice até o derradeiro instante.

Eros reúne, Eros tende a formar unidades cada vez mais ricas e complexas, tanto no plano biológico como no plano psíquico e social. Ao contrário da pulsão de morte, que desune, Eros tende a manter e elevar o nível energético das configurações cujo elo íntimo ele forma.

Ao mesmo tempo poderíamos pensar — e *Chuvas de verão* é prenhe dessa tendência — a sexualidade não coincidindo inteiramente com Eros, com tendência à unidade, mas como ruptura, como desvio pelas sendas da sexualidade perverso-polimorfa, infantil, tão bem encarnada no marido infiel por homossexualidade e no palhaço pedófilo.

Sabemos que a sexualidade humana tem uma fonte no corpo erógeno, mas esse corpo erógeno já é um desvio do natural. O corpo psicanalítico não é o mesmo do corpo biológico, ele é desviante. Já nos “Três ensaios sobre a sexualidade”, Freud trata da questão ao falar das aberrações sexuais e concluir que, no limite, a sexualidade humana é sempre desviante, pois está enraizada nas fantasias originárias do perverso-polimorfo do mundo pulsional.

A genitalidade com toda a força unificadora é um breve instante em nossas vidas, à qual renunciamos no envelhecimento com muito sofrimento, quando o corpo que é a realidade deprime. Simultaneamente, essa renúncia pode trazer de volta a reserva ecológica da sexualidade perverso-polimorfa na atmosfera simbólica que é a sexualidade do corpo erógeno.

Como diz Freud, seria essa sexualidade a nossa reserva ecológica inspirando os artistas, os escritores criativos e, por que não, a possibilidade da tão desejada sabedoria dos velhos? Uma utopia? Talvez, mas da minha leitura de *Chuvas de verão*, o filme, as chuvas de verão

trazem um frescor de vida, de renascimento, que só a criança que existe em nós pode nos dar até o fim.

Não é por acaso que Octavio Paz escreveu *A dupla chama: amor e erotismo* aos oitenta anos, mas o livro o acompanhou como projeto por mais de três décadas. É um ensaio poderoso sobre amor-erotismo e sua ligação com a criatividade, a simbolização, a linguagem.

Essa chama de calor e animação que aquece nosso aparelho mental, nossa alma, como queria Freud, contém uma ambigüidade básica. Como o deus Pã, é criação e destruição. É pulsão: tremor, pânico, explosão vital. É um vulcão e cada um dos seus estalos pode cobrir a sociedade com uma erupção de sangue e sêmen. O sexo é subversivo, ignora as classes e hierarquias, o dia e a noite.

Por outro lado, ao nos aproximarmos do pensamento freudiano, chegamos ao conceito de *desejo*, que não é tão-somente um desejo de concupiscência ou coíça pulsional, mas um desejo de aspiração.

Esse emprego da palavra desejo, encontramos em Freud, quando aborda a experiência da satisfação. A noção está ligada ao estado de desamparo original do ser humano. Ao contrário dos outros animais, o homem é um ser precário ao nascer e isso o coloca numa total dependência do outro.

Na medida em que o recém-nascido depende de outra pessoa para suprir suas carências, podemos, num recorte, indicar o frescor, a sombra que o outro pode representar nessa zona tórrida das primeiras experiências de necessidade. Tal vivência marcará indelevelmente o ser humano na sua relação com o outro, e desse vínculo fecundo podemos tomar a idéia de Eros tecelão do mito, no plano coletivo, e dos sonhos, no plano individual.

A tecelagem, a rede simbólica que se forma na relação com o outro é a geradora do desejo que nos move em nossas aspirações.

\*

Um ângulo que inicialmente podemos focar nesse

\* Este texto fez parte de um debate com o diretor de cinema Cacá Diegues sobre seu filme *Chuvas de verão*, de 1978, no ciclo “Sempre aos domingos: cinema e debate”, organizado por Leopold Nosek e realizado por A Sociedade Amigos da Cinemateca, em São Paulo, de 16 de abril a 25 de junho de 2000.

\*\* Psicanalista e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

filme é o da limitação da velhice. Penso na brincadeira das duas jovens que beijam Jofre Soares quando este festeja o término do trabalho na firma, dizendo “Ele não oferece mais perigo”. Esse perigo que ele não oferece mais é a sexualidade, pulsão sexual, perigo de vida, fogo que aquece, mas que também pode incendiar.

Freud em “A interpretação dos sonhos” nos conta um sonho pessoal, no qual viajava num trem, observando um velho árabe. Ao acordar, percebe, mediante inúmeras considerações, que o velho árabe representava ele próprio, o seu medo de morrer. Para os árabes, o declínio da pulsão sexual é a representação da morte pessoal. Essa fusão entre sexualidade e vida ocupa um lugar estrutural no movimento do pensamento freudiano. Poderíamos pensar que é um eixo que o orienta até o fim. É um moinho em que se processa o princípio do prazer, que, dilatado no princípio de realidade, cria as condições do processo de sublimação e simbolização.

No meu entendimento, esse usufruir se manifesta para o personagem do filme no desejo da linguagem, da conversa na calçada, leve e flexível, na qual possa estar “de pijamas”. Nesse sentido, o desejo do personagem é a própria linguagem do filme, que retoma a tradição do contador de histórias, popular no interior do Brasil, onde um “saber feito de experiências se comunica de boca em boca, por obra de narradores anônimos”. Como comenta Davi Arrigucci Jr. a respeito da obra de Rubem Braga, muitas vezes a literatura moderna brasileira já foi beber nessa fonte da tradição oral, que faz do filme um poema do cotidiano.

Quando Jofre Soares caminha pelas ruas do seu bairro dizendo “Agora vou ficar de pijama”, o pijama não é uma mortalha, mas sim o despojamento de uma roupa de trabalho convencional. Ele quer conversar com seus amigos, “jogar conversa fora” com seu grupo de vizinhança. Ao se despojar das roupas de trabalho, quer se libertar do alienante, podendo encontrar-se como sujeito. É a luta por sua identidade que empreende agora, na aspiração de desenvolvimento.

O personagem acolhe o bandido procurado pela polícia, num gesto de rebeldia e ética, de transgressão, no qual podemos perceber um ir além da ordem estabelecida, além da imagem, para encontrar a singularidade do seu ser no mundo. Nessa luta para ser, torna-se aberto à sexualidade, que se revela na porta entreaberta, de onde curiosamente observa o jovem casal. Assustado pelas emoções que o tomam, como a criança que sempre somos, corre para sua cama e se depara com os tormentos impingidos pelo seu superego, projetado na esposa morta.

O corpo erógeno não está submetido ao natural. A sexualidade humana é um desvio do natural, do biológico,

com todas as limitações que o biológico nos traz. O corpo é o destino, é fatal em seus vãos e em seu declínio. As pulsões, contudo, estão entre o somático desse corpo e o psíquico, são elas que fazem a mente trabalhar. A criação do humano situa-se entre o finito do corpo biológico e o infinito da linguagem, do simbólico, que já é a criação do corpo erógeno. E aí se situa a prática psicanalítica, que também depende da disponibilidade para uma conversa leve e flexível, como aquela almejada pelo personagem interpretado por Jofre Soares, em suas chuvas de verão.

Na minha leitura do filme, há um momento pontual: o da paixão, jogo caótico e livre, que escraviza a mente à pura necessidade, como os jogos de azar e as drogas, que se abre na cena em que a esposa (Marieta Severo) entra no apartamento do marido infiel. Trágica descoberta da sexualidade perverso-polimorfa, que não tem unidade, que não tem governo, que não tem globalização possível. É interessante que o marido infiel ao heterossexualismo trabalhe no mercado financeiro. Há uma ponta de ironia e premonição de Cacá Diegues à economia que hoje varre o planeta. Ele critica o não-comprometimento daquele que, infiel à sua origem, não podendo ter memória, condena-se ao repetitivo. O deboche de Pereio diante do homossexualismo do marido infiel, dizendo “Que bichona!”, é o alívio, o espaço do cômico para o dramático. Cômico que a ele próprio é profundamente dramático, angústia com a qual o humano se debate no seu desvio do natural.

Somos todos perverso-polimorfos, pois somos todos desviantes do biológico animal. Não estamos sujeitos apenas a padrões instintivos, mas temos caminhos, sendas, *detours*, que nos abrem para o simbólico, onde os corpos se encontram pelo fetichismo, pela fantasia, no onírico.

É uma cena lindíssima, onde se cria uma ruptura. Uma vertigem, onde andamos em círculos. A esposa é deslocada do seu lugar. Ela não tem rival. Ela tem uma impossibilidade. O seu narcisismo não está ferido por uma ameaça de morte, num duelo odioso com outra mulher. É com a falta que ela se depara. Quando seu amoroso pai lhe oferece solidariedade, ela sorri, pois o seu pai deixa de ser o pai mítico da infância humana, o pai que tudo pode. É a solidão, o exílio que ela percebe. Não há mais repetições compulsivas.

O conflito vivido por Jofre Soares, ao perceber as evidências de pedofilia no velho palhaço, e o seu desejo de estar enganado, nos faz pensar novamente na estrutura perverso-polimorfa que nos acompanha, fonte das nossas angústias, mas também, como diz Freud, nossa reserva ecológica. É dela que os artistas se servem nas suas criações e é dela mesma que poderão vir nosso sa-

dismo, nossa voracidade, nosso demônio. Como isso se dá? O velho palhaço diz enigmaticamente: “Eu não sei”.

Num segundo momento, Jofre Soares ouve a música “Caminheiros”, de Herivelto Martins, na voz de Francisco Alves, sobre o tempo que passa. Na brevidade da vida, a consciência vê a linha do horizonte, mas o inconsciente vive num tempo cósmico em que o desejo é perene. Quando sua namorada vizinha, e, como ele, velha, lhe conta suas amarguras passadas, é o desejo que ousa no convite para viver o agora, sem traumas. Não se condenar ao repetitivo, que não abre para outros possíveis que podemos criar até o fim do nosso tempo.

Há, ainda, o momento final, quando Jofre Soares toma conhecimento de que um viaduto vai passar sobre o lugar em que está a sua casa. A realidade atropela. Cacá Diegues aponta para as mudanças, para os deslocamentos, para o modo como vamos perdendo nossos bairros, nossas esquinas, onde as histórias podem ser contadas. E o filme se fecha sob um som de chorinho, com crianças ao longe.

Lembro-me de certa vez, há muitos anos, num sábado de manhã, quando passava de ônibus pelo Bom Retiro, em que vi os velhos judeus que ali moravam conversando nas calçadas. Foi uma imagem onírica que ficou gravada em mim, a imagem de uma São Paulo perdida.

Essa é a temática presente também em *Bye, Bye Brasil*, de 1979, do mesmo diretor, em que assistimos à ameaça ao lúdico, comum no Brasil que se despede com os circos, com as praças capazes de reunir as pessoas, na ilusão da magia.

Quando fui convidada para entrar na roda de um debate sobre *Chuvas de verão*, aceitei com alegria, já que era uma terna lembrança de vida que eu levava comigo. Sempre, ao pensar na velhice, penso que ela pode ser uma época de grande fecundidade identitária, se pudermos manter vínculos de interlocução, em que histórias possam ser contadas.

Walter Benjamin nos fala da grande perda do humano com a perda da possibilidade de se narrarem histórias. O cinema de Cacá Diegues recupera esse lugar onde podemos ouvir histórias.

## Referências

- Arrigucci Jr., D. Prefácio: Braga de novo por aqui. In Arrigucci Jr. D. *Enigma e comentário : Ensaio sobre literatura e experiência* (pp. 29-50). São Paulo: Companhia das Letras.
- Azambuja, S. C. de (1997). Em que registro a sexualidade move pensamento na teoria bioniana: uma leitura (pp. 407-414). In M. O. de A. F. França

(Org.). *Bion em São Paulo: Ressonâncias*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In S. Freud. *Edição standard brasileira*. (Vols. 4-5). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a sexualidade. In S. Freud. *Edição standard brasileira* (Vol. 7, pp. 123-250). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Benjamin, W. (1975). O narrador. In *Textos escolhidos* (pp. 57-74). São Paulo: Abril Cultural. (Os Pensadores).
- Paz, O. (1994). *A dupla chama : Amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano.

## Resumo

Reflexão sobre o erotismo na velhice com base no filme *Chuvas de verão*, de Cacá Diegues, em que se trata da atmosfera simbólica, constitutiva da sexualidade humana.

## Palavras-chave

Corpo erógeno. Desejo. Genitalidade. Homossexualidade. Pedofilia. Princípio do prazer. Pulsão sexual. Sexualidade perverso-polimorfa.

## Summary

### “Chuvas de verão”: a reflection about erotism

A reflection about erotism at old age in the Brazilian movie “Chuvas de verão” by Cacá Diegues, handling with the symbolic environment that constitutes the human sexuality.

## Key words

Erotogenic body. Desire. Genitally. Homosexuality. Pedophilia. Pleasure principle. Sexual drive. Sexual perversion.

---

Sonia Curvo de Azambuja  
Rua João Moura 647/22 — Pinheiros  
05412-911 — São Paulo — SP  
Tel. 11 3064-7451  
sczambuja@terra.com.br